

Mustafa *Box 2B*
RELAÇÃO

EXACTA, E VERDADEIRA

Da Conjuração,

QUE

MOSTAFA' BAXA' DE RHODES

intentou fazer na

ILHA DE MALTA,

COM OS ESCRAVOS MAHOMETANOS, PARA SE FAZEREM
senhores della, em 29 de Junho de 1749.

E das circumstancias com que foy deicuberta, e
castigos, que tiveraõ os complices della.

E S C R I T A

POR HUM CAVALLEIRO

Maltez,

*Residente naquella Ilha, e remetida a esta Corte ao Excellentis-
simo, e Reverendissimo Senhor Principal Almeida Portugal.*



LISBOA;

(29) Na Offic. de FRANCISCO LUIZ AMENO, Impref-
sor da Congregação Cameraria da Santa Igreja de Lisboa.

M. DCC. L.

Com todas as licenças necessarias.

Bellver 19

A QUEM LER.

COM razão te causará novidade veres esta Relação impressa sobre a fatal conspiração, que Mostafá Baxá de Rhodes intentou fazer na Ilha de Malta, depois de sobre esta mesma materia se terem já publicado outras; porém para darte satisfação, he preciso informarte da causa, que houve para se fazer publica esta. Naquella Ilha residem alguns Cavalleiros Portuguezes, e destes hum, que em tudo desempenha as altas obrigações com que nasceo, ou por ter noticia, ou lhe chegar á mão alguma das referidas Relações, que sobre este caso se publicaraõ em Lisboa, e vendo a incoherencia com que nellas se refere a conjuraçaõ, quiz informar aos Portuguezes seus nacionaes da verdade, e circumstancias della. Pelo que tomou a resoluçaõ de escrever miudamente este facto, na presente Relação, que remeteo ao Excellentissimo, e Reverendissimo Senhor Principal Almeida Portugal, insinuando-lhe a honra, que lhe faria, se a pozesse na presença de Sua Alteza o Serenissimo Senhor Infante D. Pedro; e julgando-se, que para apresentalla ao dito Senhor, era mais conve-

niente fosse impressa, assim se executou. Por esta razão deves crer, que o que nella se refere, he a verdade pura, e com ella socegarão algumas pessoas intelligentes dos negocios politicos daquella Ilha, que tem motejado as incoherencias das primeiras Relações, que deviaõ dissimular, attendendo a que estas foraõ ordenadas de noticias de algumas cartas, que por serem de diversas pessoas, era crível que se encontrassem.

A ILHA de Malta, que huns dizem pertencer a Africa por lhe ficar mais visinha, outros á Europa pelas dependencias que tem de Sicilia, está situada entre esta, que lhe fica ao Norte, e aquella, e Tripoli, que lhe ficaõ ao Sul, em trinta e tres grãos de latitude, e trinta e quatro de longitude. A sua extensaõ de Occidente a Oriente seraõ dez legoas, e cinco de largo: comprehende quatro povoações muradas, em que entra a Cidade Capital, chamada Valleta, a antiga Malta, Santo Angelo, ou Vitoriosa, e S. Miguel, com mais de sessenta Lugares, Aldeas, e Casaes.

Está a Cidade de Valleta edificada sobre rochedos, em que estaõ abertos grandes fossos, defendida, e ornada de baluartes robustos, e outras obras modernas defensivas. As casas (que passaõ de duas mil) saõ alterosas, e de pedra de talha. A Igreja Cathedral he de S. Joaõ. As outras saõ Santo Agostinho, S. Domingos, S. Paulo, Santa Maria de Jesus, Nossa Senhora do Carmo, Nossa Senhora da Victoria, o Collegio de Jesus, e muitos Conventos. Tem esta Cidade, naõ só o Palacio Magistral, mas sete magestosos edificios, a que chamaõ Albergarias, (que vale o mesmo, que Hospicios) deputados para as sete Linguas, presidindo a cada huma seu Pillar, que saõ os Ballios Conventuaes, e como columnas das Nações. Reparte-se todo o povo da Ilha em sete Parochias. O seu numero chegará a quarenta mil pessoas.

O territorio da Ilha he esteril, terra penhascosa, e pouco frutifera, e só á roda da antiga Malta tem algumas quintas, e hortas, e algumas fontes de boa agua, de que vay hum aqueducto subterraneo para a Cidade Valleta, tudo obra do Gram Mestre Joaõ de Valleta, que a edificou, e lhe deu o nome; mas o commum da Ilha se acautella contra a sede, recolhendo a agua das chuvas em tanques, e cisternas, que fabricaõ, servindo-se da abundancia de pedra excellente, e branca, que se lavra sem violencia. Assim he alegre o clima, e livre de nublados, que raras vezes lhe escondem o Sol, e taõ temperado, que naõ ha no Inverno frio, que obrigue a

recorrer ao abrigo do fogo; o Veraõ he mais activo, mas tempera-o o Ceo com copioso orvalho. Seus habitadores, na cor tostados, no animo robustos, e bellicosos, talvez os malquista o ser vingativos. As mulheres são de igual formosura, que modestia, e huns, e outros de coração pio, e catholico. Da antiga sujeição a Carthago, lhe ficou o idioma, que até o presente se usa, com pouca differença da lingua Arabiga.

O nome de Malta, que se estende a toda a Ilha, lhe deu (como a morgada da Primavera) o terem nella as abelhas huma perpetua officina, de cuja fragrante, e mysteriosa tarefa, se lhe derivou o nome de Mellita, que o decurso dos tempos reduzio a Malta. O celebre privilegio das suas viboras lhe concedeo S. Paulo, que mordido de huma, desterrou o veneno em todos os bichos da Ilha. He padraõ desta piedade huma gruta (que se visita na Igreja, que está fóra dos muros da Cidade Notavel, ou antiga Malta) em que esteve o Santo Apostolo, quando o guarda militar o levava para Roma, e he hoje hum dos devotos Santuarios de toda a Italia. Este beneficio (como o mayor de toda a Ilha) deu ao Santo o nome de seu Protector, e Patraõ, como se mostra na Cathedral da mesma Cidade Notavel, de que he Orago.

A' Illustrissima Ordem de S. Joaõ de Malta, que ainda não diminuo hum ponto do seu primitivo esplendor, lhe deve a Christandade ha sete seculos tantos, e tão avultados serviços, que justamente merece o primeiro lugar.

Pouco antes que o grande Godofredo passasse á Terra Santa, alguns Mercadores Napolitanos, que negociavaõ no Levante, obtiveraõ permissaõ do Califa de Egypto para fundarem em Jerusalem huma casa, aonde recolhessem os peregrinos Christãos, que fossem visitar os santos Lugares. Pouco tempo depois fabricaraõ duas Igrejas dedicadas huma á Mãe de Deos, e outra á Magdalena.

O fogoso zelo, que ardia nestes primeiros Fundadores, se ateou em outros peitos piedosos: e unidos muitos Christãos com os vinculos da caridade, edificaraõ outra nova Igreja, com hum Hospital para curar os enfermos, e agasalhar

os peregrinos, a qual dedicaraõ a S. Joaõ Bautista. Começou esta obra com taõ pequenos principios, no anno de 1099. sendo seu director o B. Gerardo, a tempo que os Christãos commandados por Godofredo, Duque de Lorena, conquistaraõ Jerusaleem.

Quando se rendeo esta Cidade, já os Hospitaleiros esta-vaõ ricos, e poderosos: e edificado Godofredo da exemplar vida de Gerardo, recebeu a Ordem debaixo da protecção dos Reys de Jerusaleem; mandando aos Cavalleiros, que usassem de habitos negros com huma Cruz branca de oito pontas, e se sujeitasssem aos tres votos da Religiaõ, a que acrescentaraõ quarto, que foy o de receber, amparar, e defender os peregrinos Catholicos, conformando-se à Regra de Santo Agostinho.

Esta formal, e regulada fundação foy no anno de 1104. sendo Rey Balduino, successor de Godofredo. O Papa Honorio II. lhes confirmou a Ordem, ainda com o nome do Hospital; porém como os Religiosos se viraõ necessitados a valer das armas, e applicar á guerra, para segurarem os caminhos, e defenderem os peregrinos, attrahiraõ muita Nobreza, e se lhes mudou em Cavalleiros o nome, que até alli tinhaõ de Hospitaleiros.

Depois de 200 annos de posse, no de 1299 decahiraõ muito os negocios da Christandade: e faltando os Principes do Occidente com os soccorros necessarios aos Cavalleiros, perderaõ todas as terras, que tinhaõ na Syria, e se retiraraõ a S. Joaõ de Acre, que defenderaõ com huma das mais heroicas gentilezas, que viraõ as armas. Nesta decadencia foraõ obrigados a seguir Joaõ de Lusignano, que no seu Reino de Chypre lhes deu huma Praça, onde se conservaraõ até o anno de 1310, no qual tomaraõ a Ilha de Rhodes, debaixo da conducta do Graõ Mestre Fulco de Villaret, pelo que foraõ chamados Cavalleiros de Rhodes.

Possuhio a Ordem esta Ilha 213 annos, obrando sempre portentosas façanhas, até que no anno de 1523, sendo atacados pelas grandes forças do Turco Solimaõ, a perderaõ por falta de soccorro, a pezar de huma generosa defen-
tiraraõ-se

tiraõ-se os Cavalleiros a Candia, e dahi a Sicilia, e Roma, sendo Pontifice Adriano IV. que lhes fez mercê da Cidade de Viterbo para sua residencia, depois de haverem experimentado na Provença a magnifica generosidade do Duque de Saboya. Estas foraõ as mudanças, que com o tempo teve a Ordem de S. João até se estabelecer em Malta, como veremos.

Neste tempo ameaçavão as Luas Turcas com funestos eclipses á Christandade: e querendo os Cavalleiros achar-se mais promptos a servilla, passarão a Siracusa, donde então estava o Emperador Carlos V. que agradado de tanta formosura de valor, lhes deu a Ilha de Malta, que aceitarão com consentimento dos Principes, em cujas terras tinha possessões a sua Ordem; obrigando-se a reconhecer os Reys de Hespanha por seus Protectores, aos quaes fariaõ presente de hum Falcão em cada hum anno.

Estando os Cavalleiros na sua Ilha de Malta, que hoje lhe dá o nome, foraõ postos em apertado sitio por Solimam no anno de 1566, sendo Graõ Mestre João de Valleta, que defendeo a Ilha com valor taõ bravo, que poz o Exercito Turco em vergonhosa fugida, depois de haver perdido em quatro mezes de tempo, quinze mil Soldados, oito mil marinheiros, e mais de setenta e oito mil tiros de canhão.

Compunha-se a Ordem de oito Naçoens, ou linguas em quanto Inglaterra foy Catholica; e depois da sua apostasia, ficou com sete, que tem por Chefes os primeiros Cargos da Religiaõ, a saber, a de Provença o Graõ Comendatario, a de Auvergne o Marechal, a de França o Graõ Hospitaleiro, a de Italia o Almirante, a de Aragaõ o Graõ Conservador, a de Alemanha o Graõ Ballio, e a de Castella o Graõ Chanceller. O Chefe da nação Ingleza, que compunha a oitava lingua, era o General da Infantaria da Ordem.

A Religiaõ comprehende tres estados: o primeiro he o dos Cavalleiros, o segundo dos Capellães, e o terceiro dos Serventes de armas. Tambem ha na Ordem os Padres, que cuidaõ das Igrejas, e se chamaõ da Obediencia, os Serventes do officio, e as Meyas Cruzes, que propriamente lhe naõ formaõ o corpo.

Os Cavalleiros , para haver de serem admittidos na Ordem, haõ de ser nobres de quatro gerações por pay, e mãy, de limpo sangue , e legitimo matrimonio ; porque só os bastardos dos Principes entraõ nella. Os Capellães naõ necessitaõ de nobreza igual , mas ao menos haõ de ser de familia consideravel ; e os Serventes de armas basta-lhes qualquer grão superior ás familias commuas.

Foraõ os Cavalleiros isentos de pagar dizimos pelos Papas Adriano IV., e Alexandre III., em attençaõ ás gloriosas expedições , que com incançavel zelo faziaõ a favor da Fé.

Nas differenças entre os Principes Christãos saõ obrigados os Cavalleiros a observar huma exacta neutralidade ; porque as suas espadas, conforme os seus Estatutos, só se desembainhaõ para derramar sangue infiel.

O governo da Religiaõ he Monarquico, e Aristocratico ; porque o Graõ Mestre tem soberano poder na Ilha de Malta , e suas pertenças ; bate moeda, faz graças aos criminosos, dá as Provisões dos Grãos Priorados, Balliados, e Commendas ; e todos os Cavalleiros, de qualquer condiçaõ, lhe tem obediencia.

Nos negocios grandes he absoluta a authoridade entre o Graõ Mestre , e o sacro Conselho , que entaõ forma a Aristocracia , ou governo dos Principes , no qual o Graõ Mestre tem dous votos em attençaõ á sua Dignidade.

O Conselho he ordinario , e completo : ao ordinario assiste o Graõ Mestre , como Cabeça , e os Graõs Cruzes , que saõ o Bispo de Malta , o Prior da Igreja , os Ballios Conventuaes , os Grãos Prioros , e os Ballios Capitulares. O Conselho completo compoem-se dos Graõs Cruzes , e de dous Cavalleiros mais antigos de cada huma das sobreditas linguas.

Tem havido na Ordem desde o seu principio até o presente sessenta e sete Graõs Mestres de varias nações , de que naõ será desagradavel dar hum catalogo, com os annos em que foraõ eleitos , e os do governo de cada hum delles.

An.da eleição.

An.da eleição.

- 1099 O B. Gerardo Francez de
nação, Eremita Carme-
litano, govern. 19 an.
- 1118 Raymundo de Puy,
Francez, foy o primei-
ro, que teve o titulo de
Graõ Mestre, gov. 32 an.
- 1160 Augerio de Balben, go-
vernou 3 an.
- 1163 Arnaldo de Comps, go-
vernou 4 an.
- 1167 Gilberto de Affali, go-
vernou 2 an.
- 1169 Gaston, ou Casto, go-
vernou 2, ou 4 mezes.
- 1169 Joberto, govern. 10. an.
- 1179 Rogerio de Molins, go-
vernou 8 an.
- 1187 Guarniero de Napoles,
governou 10 mezes.
- 1188 Ermengardo de Apts,
governou 4 an.
- 1192 Godofredo de Duiffon,
governou 2 an.
- 1194 Affonso de Portugal, fi-
lho natural del Rey D.
Affonso Henriques, go-
vernou alguns mezes.
- 1194 Godofredo de Rat, go-
vernou 12 an.
- 1206 Guerino de Monteagu-
do, Francez, gov. 24 an.
- 1230 Gerino, govern. 14. an.
- 1244 Bertrando de Comps,
governou 4 an.
- 1248 Pedro de Villebride, go-
vernou 3 an.
- 1251 Guilherme de Castello
novo, govern. 9 an.
- 1260 Hugo de Revel, gover-
nou 18 an.
- 1278 Nicoláo de Lorgú, go-
vern. 10. an.
- 1288 Joaõ de Viliers, gover-
nou 6 an.
- 1294 Othon de Pins, oriundo
de Catalunha, gover-
nou 2 an.
- 1296 Guilherme de Villaret,
govern. 12 an.
- 1308 Folco de Villaret gover-
nou 9 an.
- 1317 Mauricio de Panhac, go-
vernou 6. an.
- 1323 Leaõ de Villa nova, go-
vernou 23 an.
- 1346 Deodato de Gozon, go-
vernou 7 an.
- 1353 Pedro de Corniliano, go-
vernou 2 an.
- 1355 Rogerio de Pins, gover-
nou 10 an.
- 1365 Raymundo Berenguer,
governou 8 an.
- 1373 Roberto de Juliers, go-
vernou 3 an.
- 1376 Joaõ Fernando de Here-
dia, governou 20 an.
- 1396 Filiberto de Nailhao, go-
vernou 25 an.
- 1421 Antonio Fluviano, go-
vernou 16 an.
- 1437 Joaõ de Lastic, gov. 17 an.
- 1454 Jaques de Mili, gov. 7 an.

(7)

An. da eleiç.

1461 Pedro Raymundo Zaccosta, govern. 6. an.

1467 Bautista Ursino, gov. 9 an.

1476 Pedro de Aubuffon, Cardeal, governou 27 an.

1503 Almerico de Amboise, governou 9 an.

1512 Guido de Blanchefort, governou 1 an.

1513 Fabricio de Carreto, governou 8 an.

1521 Philippe Villers, que estabeleceu a Ordem em Malta em 1530, depois da perda de Rhodes, governou 13 an.

1534 Petrino de Ponte, governou 22 dias.

1534 Desiderio de Santa Jalla, governou 2 an.

1536 Joaõ de Homedes, governou 17 an.

1550 Claudio de la Sengle, governou 1 an.

1557 Joaõ de Valletta Parisot, govern. 11 an.

1568 Pedro do Monte, g. 4. an.

1572 Joaõ de la Cassierra, governou 10 an.

1582 Hugo de Loubens Verdala, Cardeal, gov. 13 an.

1595 Martin Garcia, gov. 6 an.

An. da eleiç.

1601 Adolfo de Vinhacurt, governou 21 an.

1622 Luiz Mendes de Vasconcellos, Portuguez, governou 7 mezes.

1623 Antonio de Paula, governou 13 an.

1636 Joaõ Paulo de Lascaris, governou 21 an.

1657 Martin de Redin, g. 3 an.

1660 Annet de Clermont, govern. 3 mezes.

1660 Rafael Cotoner, g. 3. an.

1663 Nicoláo Cotoner seu irmão, governou 17 an.

1680 Gregorio Carrafa, g. 9 an.

1689 Adriaõ de Vinhacurt, governou 6 an. e 6. m.

1697 Raymundo de Perellos, govern. 2 an.

1699 Marco Antonio Zondadari, govern. 22 an.

1722 D. Antonio Manoel de Vilhena, Portuguez, governou 14 an.

1736 Fr. Raymundo Despuich, governou 5 an.

1741 D. Fr. Manoel Pinto da Fonseca, Portuguez, eleito em 18 de Janeiro de 1741, governa hoje com felicidade.

Estas são as firmes columnas, em que se sustentou, e sustenta hoje este famoso Templo, em que a religião, o valor, e a nobreza collocarão na Palestina a grande estatua da gloria Hospitalaria, que tendo por base o tempo, e a fortuna, dura hoje florentissima no seu nobre Emporio da Ilha de Malta.

Esta Ilha , pois , que pela Divina Providencia tinha sido preservada de muitas das calamidades , que nestes ultimos tempos affligiraõ a mayor parte da Europa , (1) chegou a reconhecer o quanto deve mais , que todas as outras Nações á misericordia Divina ; porque quando estas começavaõ a esquecerse das desgraças antecedentes , aquella se achava propinqua a soffrer calamidades mais horrorosas , que as que tinha visto nos seus visinhos : e ainda que se conheçaõ as difficuldades , que se oppunhaõ , e que faziaõ quasi impossivel o barbaro intento premeditado contra a sua tranquillidade , e contra a vida da Augusta Cabeça , e dos principaes membros de taõ illustrissima Ordem , encarregada da defenfa , e conservação do baluarte da Christandade ; não se pôde com tudo negar , que se a Divina misericordia não tivesse manifestado taõ detestavel idea antes do tempo destinado para a sua execução , seria esta Religiaõ exposta a hum dos mais horrorosos catastrofes , que tinha experimentado desde a sua origem , e seria este successo tanto mais deploravel , que devendo justificar-se com todo o mundo Christaõ , que podia estranhar a grande liberdade , que se dava em Malta aos escravos Mahometanos , não ficaria o publico persuadido , que esta liberdade nascia daquelle espirito de charidade Christã , de que em todos os tempos foraõ animados os seus Cavalleiros , empregando continuamente as suas esquadras em impedir as piratarias dos infieis , e segurar a navegação dos Christãos.

Não offerencia Malta aos olhos do mundo mais que escravos livres das suas cadeas , aos quaes por este meyo só procuravaõ inspirar moderadamente demonstraões de humanidade em favor do grande numero de Christãos , que gemem debaixo da tyrannia Mahometana. Hum costume inveterado tinha estabelecido esta especie de liberdade , com que se tratavaõ os escravos , e elles mesmos (se pôde dizer) tinhaõ justifi-

(1) A peste de Messina , e Reggio , que no anno de 1743 poz em grande consternação toda a Europa , da qual a Ilha de Malta foy preservada ; depois da Divina misericordia , pelas admiraveis disposiões , que S.A.E. ordenou para evitar semelhante contagio : a guerra entre os Inglezes , e os Hespanhoes , entre os primeiros , e os Francezes , e entre estes , e a Rainha de Hungria , cuja paz foy concluida no anno de 1748.

justificado este costume; porque ainda que em varios tempos alguns delles procuraſſem a ſua liberdade, expondo-ſe a varios perigos, nunca ſe reconheceo nelles eſpirito de rebelião, ou deſejo de independencia. O grande numero de eſcravos, que por diverſas vezes ſe acharão em Malta, nunca fizeram alterar eſte ſyſtema, e ſe ſe tomaraõ algumas cautellas, a reſpeito da ſituação da Ilha, e das ſuas fortificações, eſtas ſó bafaraõ, e bafarião ainda, ſe não fora a cegueira a que os conduzio o reſpeito, e a confideração, que tiveram por hum homem, a que hum extraordinario infortunio trouxe a eſta Ilha, o qual debaixo do pretexto de lhes procurar a ſua liberdade, os ſacrificou á ſua ambição, e ao eſpirito de vingança, que contra toda a razão o animava contra S. A. E. e todos os ſeus Cavalleiros.

Já o publico eſtá informado, que no mez de Fevereiro de 1748 o Baxá de Rhodes foy conduzido a eſta Ilha por huma das ſuas galés, que era a Commandante, ou Capitanea das eſquadras, que navegaõ debaixo das ſuas ordens, como Tenente General das forças maritimas do Grão Senhor.

Eſte Baxá, cujo nome he Moſtafá, era Governador da Ilha de Rhodes, e das mais adjacentes, de natural ſoberbo, barbaro, e tyranno, do que deu evidentes provas em muitas occaſiões; implacavel inimigo de todos os Chriſtãos, particularmente da Ordem de Malta.

Tinha ſahido do porto de Rhodes ſó com eſta galé, para conduzir ao golfo de Magra na coſta de Caramania (que fica a pouca diſtancia daquella Ilha) a Oſman Baxá Graõ Viſir depoſto, que depois de algum tempo de deſterro, paſſava a hum governo. Apenas o Viſir, e a ſua comitiva tinha deſembarcado, logo por huma reſolução tomada entre os eſcravos Chriſtãos, ajudados de hum Negro, criado do Baxá, irritado contra ſeu amo, que o tinha caſtigado injuſtamente toda a gente de remo da galé compoſta de Chriſtãos de diverſas nações (2) de alguns Perſianos, e de varios Gregos, ſe

(2) Havia entre eſtes Eſcravos, Francezes, Heſpanhoes, Tudescos, Italianos, Maltezes, Polacos, Moſcovitas, Armenios, e Georgianos, entre todos cento cincoenta e hum.

se rebeláraõ, e se affeguraraõ da pessoa do Baxá, matáraõ, e affogaraõ a mayor parte dos Turcos do armamento, fizeram varios escravos, obrigando huns a fugir com as lanchas, outros a se deitarem ao mar; e finalmente retirando-se precipitadamente da Costa, sem se determinarem sobre o asylo, que deviaõ tomar, depois de alguns dias de trabalhosa navegação, chegaraõ no primeiro de Fevereiro á vista da costa de Malta (faltos totalmente de todo o genero de mantimentos, em termos de morrerem á fome, e sede) aonde deraõ fundo no canal, entre as Ilhas de Malta, e Gozo. Neste sitio foraõ reconhecidos por duas galés da Religiaõ, que haviaõ sahido do porto para a reconhecer, o que tendo executado, a conduziraõ no dia seguinte ao porto daquella Cidade.

Logo que o Graõ Mestre foy informado das particularidades desta rebeliaõ, ordenou a hum dos seus primeiros Officiaes fosse cumprimentar da sua parte ao Baxá de Rhodes, a quem fez offerecer tudo o que podia contribuir para alivio da sua infelicidade, mandando-lhe preparar com toda a pressa hum dos melhores aposentos do Lazareto, para a sua accommodação, permittindo-lhe levar consigo os Turcos de que necessitava para o seu serviço, do que elle se aproveitou, levando, além do seu Kyaya, (3) e do seu Iman, (4) outros cinco criados. Mandou S. A. E. comprar á sua custa toda a roupa, que lhe pertencia, e os levantados lhe tinhaõ tomado, e finalmente ordenou, que se lhe désse tudo o que pudesse appetecer, para seu commodo, e regalo.

Quando o Baxá acabou a quarentena, foy conduzido nas carruagens de S. A. E. para o Castello Sant'Elmo, aonde ficou alojado no quarto do proprio Governador, no qual não só conservou os seus criados, mas augmentou o numero delles. Para lhe fazer mais suave a sua escravidão, lhe permittiraõ o trato com todos os Mahometanos, Gregos, e outras differentes pessoas, que continuamente hiaõ, e vinhaõ de Levante, prohibindo ao Negro, e a todos os mais, que tiveraõ parte na rebelliaõ da sua galé, hirem á sua presença, para lhe evitar o desgosto, que lhe causaria a vista dos authores da sua desgraça.

(3) Tenente, ou Sargento mór. (4) Sacerdote Mahometano.

Poucos dias depois foy admittido á audiencia de S. A. E. que o recebeo com toda a benignidade, depois da qual foy visitado por varios Ballios, e pela mayor parte dos Cavalleiros, que todos uniformemente usaraõ com elle as mayores attentões. Accrescentou S. A. E. a todos estes favores o de permittir mandasse a Constantinopla hum dos seus domesticos para melhor tratar os seus negocios. Finalmente fizeraõ-se-lhe todas as honras, que se julgaraõ devidas a hum homem da sua distincção, ainda que inimigo; e supposto que nunca se mostrou agradecido a tantas finezas, nem por isso se mudou do systema com que foy recebido, concedendo-lhe licença para passear por onde, e quando quizesse, e sempre nas carruagens do Graõ Mestre, acompanhado de dous Soldados da sua guarda, destinados mais para o servirem, que para o guardarem.

A todas estas finezas accrescentou o Graõ Mestre huma honra muito mais distincta, e foy que em lugar do Castello de Sant'Elmo, que se lhe tinha dado por prizaõ (ainda que com toda a largueza) fosse passar o Veraõ em hum dos seus proprios jardins, situado sobre os muros da Cidade, aonde esteve até que os rigores do Inverno o obrigaraõ a tornar ao referido Castello. Neste mesmo tempo lhe foy permittido fallar com hum Capuji Bachi (5) do Graõ Senhor, que se achava neste porto a bordo de huma sétia de guerra de Sua Magestade Imperial, e que levava juntamente hum Ministro do Emperador dos Romanos, para concluir a paz entre as Regencias de Argel, Tunes, e Tripoli, e Sua Magestade Imperial. Finalmente não houve cousa, que lhe podesse aliviar o sentimento da sua escravidão, que logo se não executasse. Observava-se porém com admiracão a sua indifferença; pois em lugar de agradecer taõ singulares favores, publicava, que elle não era escravo, e que pertendia juntamente com a sua liberdade, a restituicão da sua galé, dos seus escravos, e dos Turcos, que tinhaõ ficado vivos. Inutilmente se lhe representava a força das leys, e costumes geraes neste particular: nunca desistio desta esperança, senão quando vio, que

(5) Escudeiro do Graõ Senhor, com o qual manda algumas ordens.

que os Christãos, que haviaõ recuperado a sua liberdade, se embarcavaõ para as suas terras, como tambem os Gregos, que lhes tinhaõ ajudado a romper as suas pezadas cadeas, e que naõ ficavaõ em Malta, senaõ os Turcos detidos escravos, como elle, alguns Persianos, que juntos com o Negro, se fizeraõ logo christãos, aos quaes se tinha allinado huma sufficiente congrua para o seu sustento.

Vendo o Baxá desvanecida esta sua primeira idea, recorreo a outros meynos, para alcançar a sua liberdade, querendo persuadir, que a Corte de França estava obrigada á Othomana da perda da sua galé, sobre o falso supposto de que os escravos, que se lhe haviaõ rebellado, o fizeraõ, debaixo da protecção de huma embarcação Franceza, que no mar haviaõ encontrado, e que por meyo de alguns soccorros, que esta lhe deu, os puzera em estado de vir a Malta com segurança, e os tinha impedido da necessidade de arribarem em algum dos portos do dominio do Graõ Senhor. Naõ lhe servio porém de nada taõ manifesta impossura, mas com tudo o tempo lhe suggerio meynos de interessar a seu favor a Corte de França. Depois de varias negociações se determinou o Graõ Mestre fazer hum generoso presente da pessoa do Baxá a Sua Magestade Christianissima, e tendo communicado esta resolução ao Conselho da Religião S. A. E. lhe deu a liberdade aos 5 de Mayo de 1749., e o fez entregar ao Bispo de Bocage, encarregado dos negocios de Sua Magestade Christianissima para o ter á sua disposição.

Servio de admiracão naquelle tempo o ver diminuida no Baxá a impaciencia, que mostrava, de alcançar a liberdade, buscando pretextos de dilatar-se em Malta, em lugar de se aproveitar das occasiões, que o dito Bispo de Bocage lhe offereceo, de passar á Turquia; antes pelo contrario sahio do Castello, e se estabeleceo em huma decentissima casa fóra dos muros da Cidade, que o mesmo Ballio lhe tinha procurado, fazendo suspeitar a muitos, que elle se detinha por medo de receber em Constantinopla o castigo da sua desgraça: a outros, que o seu genio activo, e toberbo pertendia, que ElRey de França o fizesse conduzir com alguma decen-

cia, não querendo apparecer, como hum simples particular. Estava toda Malta esperando com impaciencia, que se decidisse este enigma, quando hum Soldado natural da Georgia, nascido em Constantinopla, Christão do rito Maronita, que de algum mezes a esta parte se achava nesta Ilha, adonde veyo mandado por algumas pessoas de consideração, para o aliviarem das violencias, que seu pay lhe fazia, depois de varias, e inuteis sollicitações para o obrigar a seguir a sua feita, e fazerse Mahometano; o qual pela recommendação do Ministro do Papa tinha sido admittido nas guardas de S. A. E. deu aviso aos seis de Junho pelas oito horas da noite ao Cavalleiro Viguier, Capitão das Guardas, dizendo-lhe, que elle tinha sido sollicitado pelo Negro da galé de Rhodes, e por hum Persiano, para entrar em huma conspiração contra a pessoa de S. A. E., e a tranquillidade da Ilha. Este aviso pareceo inverosimel; e como o Maronita era moço, e simples, e fallava pouco a lingua da terra, se explicou tão obscuramente, que o Capitão das Guardas, não podendo comprehender bem o que dizia, lhe ordenou tornasse na manhã seguinte com hum interprete. Com tudo não pareceo conveniente a este Cavalleiro deixar de informar na mesma noite ao Grão Mestre, do que lhe tinham aviado, e dos meynos, que tinha ordenado para ser melhor informado. S. A. E. os approvou, e lhe ordenou tomasse todas as informações convenientes; e ainda que na mesma noite hum Judeo bautizado deu o mesmo aviso, como este o não sabia, senão por via do Maronita, S. A. E. não alterou o que tinha ordenado ao seu Capitão da Guarda, o qual verificou na manhã seguinte a existencia da conjuração entre o Negro, e o Persiano, que tinham determinado assassinar ao Grão Mestre no mesmo tempo, que a mayor parte dos escravos, que servem os Cavalleiros, e os particulares, matariam seus amos, e todos juntos se uniriam para assaltarem a Cidade, e porem-se em liberdade, esperando, que na confusão, que causariam, se poderiam fazer senhores de algum posto, que lhes facilitasse a sua retirada,

Ainda que parecesse ridiculo semelhante projecto, não se

se desprezou o aviso. O Negro, e o Persiano forão presos immediatamente, e S. A. E. nomeou tres Juizes, para que juntos com o Castellano (6) lhes fizessem o processo *ad usum belli*, para evitar todas as formalidades vagarosas, que podião ser muito prejudiciaes em semelhante caso.

No mesmo dia se deu principio ao processo, e tomadas varias informaçoes, foy posto o Negro a tormento no dia nove, o qual confessou a conjuração, e declarou, que junto com hum Persiano, que havia hum mez fora desterrado desta Ilha, tinha ideado huma rebelião geral na Cidade, começando pela morte de S. A. E.: que elle se tinha encarregado de o assassinar: que á morte do Graõ Mestre se seguiria a do Capitão da Guarda, e que todos os escravos, que servem os Cavalleiros particulares, haviaõ ao mesmo tempo matar seus amos, e todos juntos abrirem a prizaõ dos escravos da Religiaõ, para atacarem os que lhe resistissem pelas ruas, esperando que a confusaõ, em que poriaõ a Cidade, lhes facilitaria fazerem-se senhores do palacio de S. A. E. do Thesouro, da Conservatoria, e da Igreja de S. Joaõ, antes que as Guardas do Graõ Mestre sem Commandante se puzessem em estado de lhes poder resistir. Nomeou tambem seis, ou sete escravos, que deviaõ ser os principaes authores desta empreza, entre os quaes nomeou hum, que servia na Camera de S. A. E., que lhe havia facilitar a entrada, para matar seu amo. Immediatamente se prenderaõ estes complicés, e depois da confissaõ do Persiano, posto a tormento no dia dez, se prenderaõ vinte e cinco escravos, e dous Soldados da Guarda, hum Grego, e outro Armenio. Hum dos escravos, ferreiro de profissaõ, posto a tormento no dia doze, fez huma declaraçaõ mais distincta da conjuraçaõ, da qual se conheceo ser de muito mayor consequencia, do que ao principio se havia imaginado; e como era de presumir, que todos os escravos tivessem parte na rebelliaõ, ordenou S. A. E., que naõ se admittisse mais nenhum delles ao seu serviço, e os que havia no seu palacio, que chegavaõ ao numero

(6) He o Presidente da Justiça, cujo emprego dura dous annos, e se nomea por turno de Lingua pelo Graõ Mestre, e Conselho.

ro de cento e tantos, foraõ metidos na prizaõ com todos os mais.

No dia treze, pelo que depoz o Soldado Grego, se ve-yo no conhecimento de que o Baxá de Rhodes era sabedor da conjuraçaõ; o que obrigou a S. A. E. a dar parte ao Conselho de Estado, que se ajuntou no mesmo dia, no qual a mayor parte dos Conselheiros foraõ de parecer, que se segu-rasse o dito Baxá: porém o Bispo de Bocage, Ministro de França, insistio taõ fortemente sobre a innocencia do Baxá, enganado dos juramentos, e protestos, os mais fortes, e solemnes, que lhe tinha feito, que por respeito de Sua Magestade Christianissima, se determinou fazerem-se mais exactas informações sobre este particular.

As declarações de diversos conjurados, suppostos autho-res, que se examinaraõ nos dias seguintes, foraõ quasi conformes com as antecedentes; porém como estes naõ eraõ mais que executores, e naõ entravaõ no segredo do projecto, só no dia dezasete, he que se teve huma distincta informação. Neste intervallo ordenou o Conselho varios regulamentos respectivo aos escravos, impossibilitando-os para sempre a imaginarem semelhante empreza, e se fizeraõ por toda a Ilha acções de graças a Sua Divina Magestade pelo descobrimento da conjuraçaõ, da qual se souberaõ todas as particularidades pela confissaõ de Mahomet, Arraes de huma galeota, intimo confidente do Baxá, moço de capacidade, e viveza, que pela profissaõ de barbeiro, em cuja arte era insigne, se tinha introduzido em toda a parte, e tomado hum conhecimento superficial da terra. Este levado ao tormento, immediatamente confessou de plano a rebelliaõ, cuja declaraçaõ foy confirmada por outros conjurados, particularmente no dia dezanove pelo Cadi. (7) E como por todas estas testemunhas constava ser o Baxá o principal author, e Chefe delles, ordenou logo o Graõ Mestre, que hum destacamento das suas Guardas occupasse a casa, em que habitava fóra dos muros da Cidade, e o guardassem á vista; o que promptamente se executou pelas oito horas da noite: porém receando S. A. E. que o povo informado já do perigo

(7) Juiz dos Mahometanos.

de que havia escapado, quasi no tempo da sua execucao rom-
pesse a Guarda, e mataassem ao Baxá no Jardim, ordenou,
que o levasssem ao Castello de S. nt'Elmo, para onde foy
conduzido no dia vinte e dous de Junho, acompanhado de
hum destacamento das Guardas, para evitar naõ fosse ape-
drejado pelo povo, que o pertendia despedaçar.

No dia vinte e dous cõmunicou o Graõ Mestre ao Con-
selho de Estado as accusações, que havia contra o Baxá: nel-
le se determinou mandar-se huma exacta informaçã, tirada
do processo, a Sua Magestade Christianissima, para que in-
teirado de taõ horroroso delicto, deixasse usar ao Graõ Mes-
tre do seu direito, em castigar crime taõ execravel, que se
faz ainda mais odioso, por ter este barbaro violado o direito
das gentes, abusando da liberdade, que lhe foy concedida,
em attençã de Sua Magestade, para melhor concluir o seu
intento, como adiante se verá; o que tudo consta da uui-
forme declaraçã, que fizeraõ todos os Imans, entre os quaes
o do mesmo Baxá, que foy posto a tormento no dia vinte e
cinco, confirmado pelo seu Kyaya no dia vinte e oito, e fi-
nalmente no primeiro de Julho pelo seu Hasnadar, (8) moço
de vinte e dous annos, que tinha toda a confiança de seu
amo, por cuja prizaõ mostrou o mais vivo sentimento.

Duvidava-se até o dia, que confessou Mahomet Rais,
se Imelleti escravo, que servia na Camera de S. A. E., e que
tinha sido accusado pelo Negro, era effectivamente, ou
naõ da conjuraçã; porẽm como foy culpado fortemente pe-
lo mesmo Arraes, pozeraõ-no a tormento, aonde confes-
sou, que enganado das esperanças do Baxá, e pela seguran-
ça, que elle lhe dava de huma favoravel fortuna, naõ sómen-
te tinha entrado na conjuraçã, mas estava resolutto a matar
a S. A. E. Accusou outro escravo, chamado Missaout, ho-
mem capaz, e de grande estimaçã entre os seus, que servia
hum Veador da Casa, que tem quarto no Paço, como hum
dos mais confidentes do Baxá, de quem possuhiã todo o se-
gredo: havia este confessado no tormento, no dia vinte, o
mesmo, que os mais conjurados, e outras varias circunstan-
cias, que só elle podia declarar.

(8) Thefourcero,

Estava determinada a rebellião para o dia vinte e nove de Junho, em que se celebra a memoria dos gloriosos Apóstolos S. Pedro, e S. Paulo, Orago da Sé, para cuja festividade concorre grande numero de Cavalleiros, e nacionaes á Cidade velha, situada no meyo da Ilha, pelo que nestas occasiões fica muito despovoada a Cidade Valleta; porém por huma prudente cautella se costumão fechar todos os escravos nas prizões, se reforçãõ os Corpos da Guarda em diferentes postos, andãõ rondando as patrulhas pelos bairros da Cidade sem ser licito a nenhum Mahometano o andar pelas ruas, e muito menos juntarem-se; de sorte, que era absolutamente impossivel, que naquelle dia podessem emprender cousa alguma, e certamente chegado o tempo da execuçãõ, feria o Baxá obrigado a transferilla para occasiãõ mais oportuna, quando cego do seu furor não quizesse correr todo o risco, e continuar o primeiro intento, que era a morte de S. A. E., com a qual esperava do valor, e intrepidez dos seus, e muito mais da fidelidade, executarem os empenhos, que tinham tomado debaixo dos juramentos mais solemnes da sua falsa feita, de sacrificarem tudo para conseguirem o seu fim. E como lhe dava esperanças de poderosos soccorros do Levante, e Barbaria, aonde tinha escrito preventivamente, e feito escrever com toda a efficacia pelo Cadi, e pelos Imans, sobrefeitas, e selladas por elle as cartas, das quaes tinha recebido favoraveis repostas, se animaraõ a seguir cegamente ás suas ordens, assentando que hum projecto, pelo qual deixava de se aproveitar da liberdade, que Sua Magestade Christianissima lhe tinha procurado, não podia deixar de ter o seu inteiro effeito, e com esta esperanza se animaraõ huns aos outros, e elle a cada hum em particular; de sorte, que tudo estava regulado no modo seguinte:

O escravo Imfelletj, que podia a todas as horas introduzir nos aposentos interiores aquellas pessoas, sobre as quaes não havia a minima desconfiança, tinha assentado, que a occasiãõ mais opportuna para assaltar de repente a S. A. E., sem que pudesse ser soccorrido, era pelas duas horas depois do meyo dia, tempo em que quasi toda a gente se acha retirada pelos excessivos calores, e o Graõ Mestre costumava naquelas

las horas passar do seu quarto ordinario a hum grande apartamento, para tomar o trelco, e estar mais solitario: neste sitio, seguido do Negro, de dous escravos de cadeirinha de mãos, e de outros quatro, que todos sem suspeita podiaõ entrar quando queriaõ para alimpar as salas, e as tapeçarias, devia assassinar o Graõ Mestre, cortarhe a cabeça, que era o final para começar a rebelliaõ.

O escravo Miffaout estimado por homem de grande prestimo, e valor, se tinha encarregado de sustentar a empreza de Imfelleti com outros seis companheiros, que se achariaõ de guarda no alto da pequena escada do Paço; hum semelhante numero de escravos, postos indifferentemente sem affectaçãõ, devia estar na entrada das cozinhas, que olhaõ para a escada, no caso, que os primeiros tivessem executado o seu attentado, deitariaõ hum vaso de flores da janella no pequeno pateo, para que todos os escravos das cavalhariças se ajuntassem com os das cozinhas, para se apossarem das Armas do Corpo da Guarda, na esperança, que áquella hora, a mayor parte dos Soldados estariaõ descansando; tanto mais que o Soldado, que se devia achar de sentinella, era hum Armenio, que tinha sido sobornado pelo Baxá: neste intervallo Imfelleti devia expor no balcaõ, que fica sobre a Praça, a suprema cabeça, a cuja vista os escravos da Conservatoria, e dos Fornos da Religiaõ se deviaõ unir na mesma hora todos: os outros, que separadamente serviaõ no Paço, e nas diversas casas de Cavalleiros, e Maltezes procurariaõ matar seus amos, depois do que unidos, huns deviaõ forçar a prizaõ dos escravos, em cujo corpo de guarda tinhaõ ganhado hum Soldado Grego, os outros seguindo Alli, ferreiro de profissãõ, que por falta das chaves da porta da sala de armas, (9) que está no Paço, deviaõ levar todos os petrechos necessarios para a arrombarem, e fazerem-se senhores das armas, para armar os conjurados. A principal idéa, que tinhaõ, era independentemente destes dous pontos do Palacio, e prizaõ, outros dous, que se lhe fosse possível a execuçaõ, teriaõ seguros do seu intento: logo que no balcaõ de Palacio se pozesse o final determinado, deviaõ pôr outro na

(9) Esta sala tem capacidade para armar sessenta mil homens.

grande Torre, para que os escravos, que se achavaõ na Ilha, e no Burgo (10) fossem avisados do primeiro successo, abrissem as prizoẽs daquellas Cidades, para se fazerem senhores sem demora do Castello de Santo Angelo, que naõ tinha outra guarda, mais que a dos invalidos; tomado o qual, tirariaõ a polvora, que neste Castello se guarda, e a conduziriaõ com brevidade a Valleta, aonde seria de grande utilidade aos Turcos, que sem esta precauçaõ naõ achariaõ municaõ alguma de guerra nesta Praça.

Outra Tropa escolhida dos seus marcharia no mesmo tempo ao Castello de Sant'Elmo, adonde o Baxá debaixo do pretexto de indisposiçaõ se devia achar dous, ou tres dias antes, e acompanhado de Hassan Arrais, homem de valor, de todos os seus criados, e de outros varios Turcos, ajudado particularmente de hum Soldado Persiano, que tinha ganhado ao seu partido, e que fazia sentinella no Corpo da Guarda do Castello, atacar por dentro o presidio, ao tempo que os outros o assaltassem por fóra; e tendo, como suppunhaõ, tomado o Castello, esperavaõ fazerem-se senhores da Cidade, tanto mais facilmente, que fiados na consternaçaõ, que causaria nella a morte do Graõ Mestre, e dos principaes Cavalleiros, o horror de tantos assassínios obrigariaõ a todos os que ficassem a sobmeterse ás leys do iniquo Baxá, o qual, logo que fosse senhor do Castello de Sant'Elmo, devia marchar a Palacio para se estabelecer nelle, e estar mais prompto, para dar, e fazer executar as suas ordens.

Esta era a idéa geral da conjuraçaõ, que por outras circumstancias facilitariaõ o intento destes barbaros; e ainda que o Baxá podesse estar certo da cega obediencia dos seus sequazes, naõ deixava de duvidar, que as cousas, que naõ encontravaõ difficuldade, podessem ter o seu effeito.

He certo, que em dia de S. Pedro, e S. Paulo naõ podiaõ intentar cousa alguma a menos de naõ correrem o risco de os fazerem todos em pedaços ao minimo movimento. O

Arrais

(10) Sobre o porto de Malta estaõ situadas tres Cidades, a primeira he a Valleta, as outras duas, que formaõ hum segundo porto se chamaõ, a primeira a Victoriousa, vulgarmente o Burgo, a segunda Sanglea, e communmente a Ilha.

Arrais Hassan se acharia indubitavelmente fechado na prizaõ dos Fornos da Religiaõ, aonde hum corpo de guarda de trinta homens eraõ empregados a impedir, que nenhum escravo sahisse pelas ruas; todo o Batalhaõ das guardas de S. A. E. estaria sobre as armas, parte delle para guardar os escravos de Palacio; hum grande destacamento guardaria a Porta Real, e os mais promptos em Sant'Elmo para prevenir qualquer accidente. A prizaõ grande dos escravos, e as portas da marinha estariaõ guardadas por grande numero de milicias; e como as Patrulhas, que continuamente costumãõ andar pelas ruas, naquelle dia, naõ dariaõ lugar aos escravos de emprenderem couisa alguma, naõ lhe ficava outro meyo, que o de matarem aquellas pessoas, a que tinhaõ determinado attentado, ao qual o Baxá estava taõ resolutto, que naõ obstante a segurança, que tinha, que Imfelleti, a quem elle mesmo entregou hum punhal envenenado, naõ podia faltar o fatal golpe, tinha procurado além disso persuadir a hum dos escravos, que serviaõ na cozinha, a deitar veneno na comida do Graõ Mestre; e he tambem presumivel, que o quizesse tambem lançar nas dos mais, para por este meyo envenenar todos os Cavalleiros, que comem em Palacio, que laõ em grande numero; tambem se verificou, que determinava fazer lançar veneno no canal por onde vem a agua ás fontes da Cidade.

Estava este monstro continuamente preocupado das infernaes idéas, que lhe dictava o seu diabolico natural, sem que tanta cegueira lhe deixasse ver as difficuldades, que impossibilitavaõ o seu projecto. Esperava o dia determinado com impaciencia, quando huma casualidade particular procurou o conhecimento do que estava urdido; mas antes de o referir he preciso lembrar, que as primeiras noticias, que se tiveraõ da conjuraõ, accusavaõ o Negro da galé de Rhodes por author della; e parecia extraordinario, que hum homem, que havia tido tanta parte na delgraça do Baxá, fosse interessado em hum negocio totalmente opposto, e que redundaria em grande gloria do mesmo, se tivesse o fim, que desejavaõ. Tambem se deve notar, que este Negro pouco depois de chegar a esta Ilha recebeu o santo bautismo, cujo exemplo seguiraõ dous Persianos, que tiveraõ grande parte

na

na rebellião da galé, aonde se achavaõ escravos: foy este alistado no numero dos lacayos de S. A. E., e hum dos Persianos nas suas Guardas; mas naõ julgando nenhum delles, que isto fosse premio proporcionado aos serviços, que per-tendiaõ ter feito, começaraõ a queixarse do Graõ Mestre com os seus companheiros, que esquecidos por algum tempo do mal, que estes lhe tinhaõ procurado, começaraõ a inspirarlhes desejos de vingança, aos quaes promptamente condescenderaõ; mas naõ quizeraõ communicar ao Negro, que este projecto era do Baxá, supposto o fizessem entrar no que respeitava a esta materia; e como lhe era livre a entrada no Paço, quando queria, lhe perluadiraõ aproveitarse desta facilidade, para matar o Graõ Mestre, e fazerle Cabo dos escravos, como o tinha sido na galé. Naõ foy difficuloso persuadillo, e logo começou da sua parte a fazer gente, e induzir aos que lhe pareciaõ mais uteis ao seu intento: hum destes foy o Soldado Grego, seu companheiro da galé: procurava fazer o mesmo com o Maronita, de quem já se fez menção, quando por algumas razões foy mandado fóra de Malta o Soldado Persiano, de quem o Negro era intimo amigo. Por este motivo julgou absolutamente necessario determinar o Maronita, vendo a falta, que lhe fazia o Persiano. Como este era Soldado, necessitava de outro para occupar o seu lugar; usou de varias diligencias, para o persuadir a se unir com elle; mas ou este naõ comprehendesse a consequencia do que lhe propunha, ou o mal que fazia em ouvir semelhantes proposições sem as revelar, fallou casualmente em huma casa de café de hum Judeo convertido, queixando-se das continuas instancias, que o Negro lhe fazia, e os ameaços de que as acompanhava. O dono da casa do café, aonde se costumavaõ ajuntar os escravos mais acreditados, e entre estes o Iman do Baxá, admirado do discurso do Maronita, lhe representou o perigo, que havia em naõ dar parte aos seus superiores de huma materia de taõ graves consequencias, que sabida por outra via lhe podia ser funesta. Naõ lhe custou pouco trabalho persuadirlhe a necessidade, e obrigaçãõ, que tinha de o revelar. Quiz este consultar primeiro o seu Director, o que fez immediatamente: tornou pouco depois,

e disse ao Judeo, que o seu Director era do mesmo parecer, e que por isso hia informar o Commandante das Guardas. O Judeo conhecendo a importancia da materia, e temendo, que a simplicidade do Maronita o puzesse em algum embaraço, se apresentou na mesma noite a S. A. E., como fica dito.

A deposição do Maronita feita juridicamente no dia sete de Junho, e a prisão do Negro, e Persiano, que se suppunhaõ ser os authores da conjuração, não fizeraõ grande impressão no animo do Baxá, antes pelo contrario ao principio mostrava satisfação de ver, que o caracter turbulento de hum criado, que lhe tinha feito a mais cruel aleivosia, e que era a causa principal da sua desgraça, tivesse cahido em hum precipicio, de que lhe resultaria hum exemplar castigo. Sonbe-se depois com certeza, que informado inteiramente o Baxá pelo seu confidente Miffaout desta prisão, mandara recado a Imfelletti, para que com hum golpe atrevido anticipasse a conjuração, e que sendo a morte precipitada do Graõ Mestre a sua unica esperança, era necessario usar promptamente de ferro, ou de veneno; porém Imfelletti affustado do perigo, que o ameaçava, não se atreveo a executar nem hum, nem outra cousa, supposto tivesse toda a facilidade de o fazer, pela confiança, que delle faziaõ no Paço; antes pelo contrario logo correo com diligencia á casa do Baxá, para lhe restituir o punhal, que lhe dera para o fatal assassinio.

Aos dezasete de Julho, vespera do supplicio de Imfellet, declarou elle voluntariamente tudo o que sabia da conjuração; e entre outras cousas a particularidade do punhal, que até o presente se não pode achar, por mais diligencias que se fizeraõ, em casa do Baxá; e he de crer, que elle tivesse posto todo o cuidado em o occultar de modo, que se lhe não pudesse achar; e só se soube, que elle o guardava ainda em seu poder, quando voltou de Floriania para o Castello de Sant'Elmo, como depozeraõ o seu Kyaya, e Hasnadar, e outros escravos,

Aos cinco do dito mez tinhaõ sido executados com o ultimo supplicio Agi Moussa, Iman dos escravos de Palacio, juntamente com Miffaout. O primeiro que tinha soffrido com extraordinaria constancia o tormento, conveyo na conspiração, e nos meynos, que tinha intentado; porém

como tinha feito hum solemne juramento de guardar inviolavel segredo pelo que tocava ao Baxá, morreo victima do silencio, que lhe havia jurado, depois de ter sido atanzado pelas ruas, e esquartejado no meyo do porto por quatro chalmesmo castigo, teve o dos braços, e pernas quebradas, que soffreo com admiravel paciencia, sem proferir a minima palavra. Acabado este tormento, perguntou se havia de soffrer mais algum outro, e como lhe responderaõ, que não havia outro mais, que a morte, chegando defronte de huma Igreja, dedicada a N. Senhora, pediu o santo bautismo, dizendo, que tinha tardado tanto em o pedir, temendo, que as dores dos tormentos lhe causassem alguma desesperaçã, e lhe fizessem perder o fruto delle. Logo lhe foy administrado com acclamações do povo, que chorava de alegria de ver hum tão grande triunfo da Divina misericordia. Tomou os nomes de Joseph, e Maria, a quem invocava com fervor, para que lhe assistissem na ultima agonia, que soffreo com edificaçã de todos, offerecendo até o ultimo suspiro aquelles tormentos em satisfaçã dos seus peccados. Este tão santo exemplo não fez o menor aballo no seu companheiro, que persistio até a ultima hora nos erros da sua falsa ley.

Continuava-se neste intervallo em tomar todas as clarezas necessarias das deposições, que quotidianamente faziaõ os conjurados, os quaes successivamente se hiaõ examinando: alguns confessaraõ logo sem violencia, outros á força de tormentos declararaõ a verdade. Os Imans se distinguiraõ pela constancia com que soffreraõ o tormento, sem fallarem mais que no ultimo instante. He verdade, que como se reconheciraõ que no ultimo instante. He verdade, que como se reconheciraõ mais culpados, por serem elles os que tinhaõ induzido a maior parte dos escravos, temiaõ, que a sua confissã fizesse mayor o supplicio.

Por diversas declarações se verificaraõ os meynos, que o Baxá tinha tomado para ser soccorrido na sua empreza, esperando para este fim ao tempo da execuçã embarcações do Levante, e Barbaria, as quaes tinha prevenido de finaes certos para serem informados do successo. Determinou o governo no usar dos mesmos finaes, para enganar os inimigos logo que

que as embarcações apparecessem ; porém não chegou a ter effeito ; porque assim no Levante , como em Barbaria se foubem por embarcações , que partiraõ para aquellas partes , que o projecto do Baxá estava todo descuberto.

S. A. E., cuja vigilancia se manifestou nas admiraveis disposições , que tomou para a segurança destas Ilhas , deu logo parte de tudo a Sua Santidade , e ás Potencias , cujos interesses são unidos aos de Malta. Despachou hũa embarcação para dar aviso ás galés da Religiaõ , que andavaõ de corso nas Costas de Italia , em que havia varios conjurados de grande confiança do Baxá. Recebeo o Ballio Maruscelli General da Esquadra este aviso aos dez de Julho , e deu logo as ordens taõ opportunas , que sem ellas teriaõ provado a ultima ruina , como a diante se verá.

Por effeito da mesma vigilancia de S. A. E. tinha sido o Conselho de Estado varias vezes informado do que havia mais importante na compilação do processo ; e logo que se verificou , que o Baxá tinha sido o author desta conspiração , e a tinha posto quasi em termos de execução , se determinou no mesmo Conselho escrever a Sua Magestade Christianissima , pedindo-lhe , que permitisse , que o Baxá fosse entregue á justiça para receber o merecido castigo , cuja carta foy allinada pelo Graõ Mestre , e por todos os Conselheiros.

O paternal amor de Sua Santidade pela Religiaõ tinha prevenido esta deliberação , porque logo que recebeo as primeiras noticias do risco , que Malta tinha corrido , pediu a ElRey de França , por carta , que lhe escreveo de proprio punho , deixasse á Religiaõ o castigo do Baxá , e renovou depois as mesmas instancias , das quaes se espera huma favoravel determinação ; não sendo justo , que os que foraõ induzidos por este monstro , soffraõ o merecido supplicio , e elle fique sem castigo , por se achar apoyado da augusta protecção de Sua Magestade , da qual se fez indigno por tantos titulos.

Muitos destes infelices foraõ condemnados á morte , e por graça singular da Divina misericordia a metade receberaõ o bautismo , e os outros morreraõ pertinazes nos seus erros. O celebre Imfelletti he do numero dos primeiros , chamando-se Joaõ Bautista , e morreo como os demais bautizados com toda

a resignação no dia vinte e dous de Julho. O Negro, os dous Soldados, e dous escravos foraõ executados no dia vinte e tres. Hum destes escravos tinha recebido o bautismo na prizaõ, e morreo com toda a edificação da mesma sorte, que o Negro, e dous Soldados. De quatro, que padeceraõ no dia vinte e oito, dous se fizeraõ Christãos no caminho do supplicio, e dous morreraõ Mahometanos. O escravo Alli, ferreiro de profissão, que era o destinado para arrombar a sala das armas, recebeu a graça do bautismo, quando estava para ser levado á mortes uo dia cinco de Agosto, em companhia do Persiano, que foy prezo com o Negro, de hum Moscovita, e de hum escravo natural de Bosnia, o qual se fez bautisar no mesmo dia, em que recebeu o tormento com grande constancia por varias horas zombando com todos; e logo de repente exclamou, que se queria fazer christão: disse tudo o que sabia da conjuração, e perseverou nas mayores demonstrações de piedade, e resignação, exhortando, e consolando os companheiros, que haviaõ de morrer com elle. - Aos nove de Agosto se executaraõ seis Imans, e Mahomet Arrais, que eraõ os principaes conselheiros do Baxá: e como no Castello de Sant'Elmo tinhaõ dado principio aos seus conselhos, nos quaes determinaraõ a conjuração, receberaõ o ultimo supplicio na praça, que esta ao pé do dito Castello. O Arrais, e o Iman do Baxá, que era hum dos seis, foraõ os dous, que se aproveitaraõ da luz da Divina graça, e receberaõ o bautismo; porém naõ foy menor o triunfo do Christianismo, ainda que foise menor o numero dos convertidos; porque este Iman perfeitamente instruido nos dogmas do seu falso Profeta, e tido em grande consideração entre os Mahometanos, naõ teve difficuldade a entrar em disputa sobre a religião com os Missionarios, que lhe deraõ para o converterem; antes convencido das evidentes provas, que lhe deraõ da verdade da nossa santa Fé, pediu com instancias o bautismo, e morreo com todos os finaes de predestinado. De taõ santo exemplo se naõ aproveitaraõ os outros cinco, que eraõ ignorantes Africanos, sem cultura algũa; porém deu tanto que admirar a todos os outros escravos, que muitos delles tem pedido querem ser instruidos na Fé, e outros tem já recebido o bautismo. Ficaõ detidos na cadeia alguns desti-

destinados á morte ; porém como não se duvida , que Sua Magestade Christianíssima permitta que a Religião dê o merecido castigo ao Baxá , se reservaõ estes para serem confrontados com elle , no caso que negue ser o author da conjuraçãõ. Outros muitos havia , que mereciaõ a morte , por se acharem convencidos pelas confissões , e depoimentos dos executados ; mas a benigna , e piedosa clemencia de S. A. E. o não permittio , ordenando fossẽm condemnados a galé por toda a vida.

A estes actos de justiça , se seguirãõ os de acções de graças a Sua Divina Magestade , e para este effeito determinou o Conselho aos quatorze de Agosto , que se fizesse hum Triduo solemne na Igreja Conventual de S. Joãõ , e que todos os annos no dia seis de Junho , em que a conspiraçãõ foy descuberta , se cantasse o *Te Deum*. E como ao Judeo se devia a principal obrigaçãõ , pelo conselho , que deu ao Maronita de revelar sem demora tudo o que sabia , se determinou fazerlhe huma congrua perpetua para estabelecimento de toda a sua familia , com consentimento do generoso animo de S. A. E. , proporcionada ao agradecimento , que todo o publico lhe deve.

Aos dezaete de Setembro voltaraõ as galés , que andavaõ de Corso , e logo que entraraõ no porto , se deu principio ao exame dos reos , que havia nellas , que se suppunhaõ serem poucos ; porém examinado hum escravo , chamado Immanech , que servia hum dos Capitães da galé , depois de ser posto a tormento , confessou , nomeando alguns escravos , pelos quaes se veyo a conhecer , que o Baxá tinha tratado hũa conjuraçãõ particular , que se havia de executar nas galés , para se apossarem dellas , e levallas a Barbaria ; para cujo effeito tinha determinado fazer envenenar no mesmo tempo todos os Cavalleiros , e mais equipagens dellas com certa qualidade de veneno , que antecedentemente tinha feito vir de Levante , e de Tripoli de Barbaria , o qual tinha distribuido pelos escravos , que servem ao General , e Capitães , reservando porção delle para o empregar em Malta. Instruidos os escravos das galés , do que haviaõ de executar , procurariaõ envenenar o vinho , que se distribue pela manhã ao armamento , e o do jantar dos Cavalleiros , e embarcado este veneno em frascos de terra , que entregaraõ aos outros escravos de sua confiança ,

ça, para o darem em hum dos dias de jejum dos Mahometanos, não se podendo a gente escandalizar de não ver beber estes dias, desde que nasce até que se poem o Sol: logo que percebesssem, que o veneno começava a fazer o seu effeito, deviaõ assaltar os Christãos com os machados, que se costumado para este effeito, e com páos, que tinhaõ leito para esta acção, começando por lançar ao mar as taboas, que fechaõ a coxia da galé, para evitar a communicacão de popa com a proa. Subjugadas que tivessem as galés, deviãõ todas tres juntas assaltarem as duas meyas galés, para as meter no fundo, fazerem-se á véla na volta da Ilha de Malta, e apparecerem á vista da Cidade, para verem os sinaes, que tinhão ajustado com o Baxá, no caso, que estivesse senhor della, e quando não vissem cousa alguma, continuarem a sua viagem para Barbaria.

Esperavãõ os escravos com impaciencia o dia da execução, que não podia estar muy longe, quando o General recebeu o aviso, que lhe fez S. A. E. do descobrimento desta maquina, que lhe frustrou todas as medidas, que tinhão tomado. Aos dez de Julho, estando no porto de Santo Estevão, mandou o General fazer hũa visita geral em todas as galés, para examinar se tinhão armas escondidas. Esta visita os obrigou a deitar ao mar o veneno, que tinhão preparado, e logo se descobrirãõ varios indicios, que depois servirãõ para averiguação da verdade. Entendia-se ao principio, que o escravo, chamado Immanech era o principal destinado para executor da rebellião das galés; porém verificou-se depois, que era como os demais escravos, que serviãõ os Capitães, e que o escravo, chamado Aysa, criado do General, era o principal director, e havia de ser o General das galés, da mesma sorte, que os que serviãõ aos Capitães, cada hum havia de ser Capitão da sua galé.

A existencia deste horrivel, e barbaro projecto foy confirmada pelo Cadi Kyaya, e os demais confidentes do Baxá, que se acharãõ presentes, quando pelas suas mãos distribuiu o veneno aos escravos, que servem ao General, e Capitães.

Logo se determinou, que estes tivessem a mesma pena, que

que os outros, e no dia quatorze de Outubro Ayfca, criado do General, com outros tres complices padecerão com resignação o ultimo supplicio, tendo todos quatro a felicidade de serem lavados no santo bautismo. Immanech, e outros dous escravos, que morrerão no dia dezaseis, tiverão a mesma felicidade de serem allumiados com a Divina graça, e de se fazerem Christãos, particularmente o primeiro, que fazendo os actos mais heroicos, que se poderião esperar do mais perfeito Catholico, quiz, que lhe pozessem o nome de Carmino Joseph Xavier, pela particular devoção, que sempre teve (ainda que Mahometano) a N. Senhora do Carmo. Com estes tres ultimos foy tambem executado com o ultimo supplicio o Soldado Perfiano que havia sido desterrado de Malta antes da rebellião, e desembarcando em Ancona, passara a Roma, onde se queixou do seu desterro. Soube-se, que era hum dos conjurados, ordenou o Papa, que logo fosse remetido a Malta, aonde confessou o seu crime, e recebeu o castigo, que merecia, com toda a resignação, e demonstrações de piedade. Outros muitos tiverão a felicidade de abraçar a nossa santa Fé, para o que contribuiu muito o zelo, e charidade com que forão afflitidos dos Missionarios, (11) e de alguns Cavalleiros, que os não largarão até o ultimo instante, distinguindo-se muito os Cavalleiros Zacco Italiano, e Turgot Francez.

No dia dezoito marcarão com hum R na cara outros oito escravos das galés menos culpados, que os primeiros, e forão condemnados a remar nellas toda a vida, com outros muitos da mesma rebellião.

Este he na verdade o facto desta conjuração, que me pareceo preciso fazer publico com todas as suas circumstancias, para que se veja, que contra os culpados se tem procedido conforme a justiça, e o merecimento da culpa.

(11) Os Padres Rosignoli, Renaud, Bonefois Jesuitas, D. Francisco Serdopoli Clerigo do rito Grego, e outros.

Vende-se esta Relação na Officina de Francisco Luiz Ameno na rua do Carvalho junto à travessa dos Fieis de D'os, nos papelistas do Terreiro do Paço, e Portas da Misericordia, aonde se achará tambem a Relação dos successos da India.

May 29 Feb 29

22-2-0

520